

HERANÇA

AMOSGRA

Outros Livros de Harvey Whitehouse

*Inside the Cult: Religious Innovation and
Transmission in Papua New Guinea*

Arguments and Icons: Divergent Modes of Religiosity

*Modes of Religiosity: A Cognitive Theory
of Religious Transmission*

*The Ritual Animal: Imitation and Cohesion in
the Evolution of Social Complexity*

HARVEY
WHITEHOUSE

HERANÇA

As
ORIGENS
EVOLUTIVAS
do MUNDO
MODERNO



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Herança

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

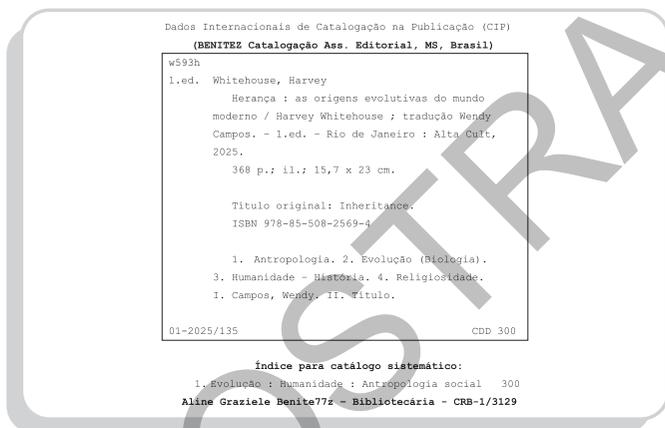
Copyright ©2024 Harvey Whitehouse.

ISBN: 978-85-508-2569-4

Alta Cult é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Translated from original Inheritance © 2024 by Harvey Whitehouse. ISBN 978-1-529-15223-4. This translation is published and sold by Penguin Random House, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: José Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtor Editorial: Thiê Alves

Tradução: Wendy Campos

Copidesque: Ana Gabriela Dutra

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Joyce Matos

Dedicado a Merridee, Danny, Sally, Delilah e Patricia

AMOSTRA

AMOSTRA



Sumário



Agradecimentos	xí
Introdução: Uma História Não Natural da Humanidade	1
A natureza humana e nossa história não natural	3
Uma nova ciência do social	8
Os três vieses	13
PARTE UM: NATUREZA EVOLUÍDA	
1. Cultura de Imitação	19
O animal ritual	22
O ritual está na mente	25
As origens da superimitação	29
O mecanismo da conformidade	34
2. Religião Selvagem	43
Missionários, espíritos e ancestrais	45
Religião na natureza	50
Os fundamentos intuitivos da religião selvagem	54
Contraintuições atrativas e suas consequências sociais	62
Os deuses estão no comando	66
Religião e moralidade	69
3. Cola Social	77
A evolução do comportamento autossacrificial	80
Ritual de provação e sofrimento compartilhado	83
Essência compartilhada e fusão	87
As origens da fusão	91
Lutar e morrer pelo grupo	101

PARTE DOIS: NATUREZA ESTENDIDA

4. Exacerbando a Conformidade	111
Rituais, rotinas e os primeiros grandes grupos	116
O nascimento da rotinização	125
Rotinização e ascensão da complexidade social	131
Agricultura e visão de futuro	136
5. Religiosidade e Ascensão da Autoridade Sobrenatural	145
Por que venerar os ancestrais?	150
Sanção divina e autoridade mundana	155
A ascensão do sacrifício humano	162
O fim do sacrifício humano	169
Religiões moralizantes	175
6. Tribalismo e Evolução da Guerra	185
Guerra e evolução do tribalismo	187
Duas formas de vínculo grupal	193
Fusão estendida e guerra	200
Valores sagrados e ascensão do imperialismo	204

PARTE TRÊS: NATUREZA REIMAGINADA

7. Conformidade e Clima	215
A inaturalidade do capitalismo	220
Os rituais ocultos da vida econômica	226
Conformidade e capitalismo	231
Ritual e renascimento da mentalidade de futuro	237
8. Religiosidade à Venda	249
Animismo e publicidade	253
Viés moral e as notícias	261
Contágio moral e redes sociais	268

9. Tribalismo Hoje	277
Fusão, mídia e extremismo violento	281
Tribalismo na era da destruição mútua assegurada	291
Retornando para a tribo	298
Epílogo: Ascensão da Teratribo	311
Revolucionando rotinas	313
Repensando a religião mundial	318
A tribo global	323
Notas	331
Índice	353

AMOSTRA

AMOSTRA



Agradecimentos



Este livro é o resultado de quase quatro décadas de pesquisa e colaboração, durante as quais acumulei inestimáveis dívidas de gratidão. Supervisionar mais de trinta alunos de doutorado, mais de quarenta de pós-doutorado e colaborar com inúmeros colegas em universidades ao redor do mundo me obrigou a aprender muito mais do que imaginei ser capaz, pelo que sou humildemente grato. Como este livro invade a expertise de tantos especialistas, tenho uma longa lista de colegas para agradecer profundamente por ler e comentar trechos relacionados ao seu campo de expertise (embora reconhecendo, é claro, que a responsabilidade por quaisquer erros remanescentes cabe a mim): Scott Atran, Pascal Boyer, Michael Buhrmester, Emma Cohen, Alan Covey, Julia Ebner, Kevin Foster, Pieter François, Peter Frankopan, Stewart Guthrie, Conroy Harris, Ian Hodder, Dan Hoyer, Robert Jagiello, Chris Kavanagh, Jack Klein, Ian Kujit, Jennifer Larson, Robert N. McCauley, Michal Misiak, Martha Newson, Kate Raworth, Lukas Reinhardt, Ralph Schroeder, Paul Seabright, Alan Strathern, Peter Turchin, Valerie van Mulukom, Claire White e Fiona White. Além disso, gostaria de agradecer à minha assistente de pesquisa, Danielle Morales, por fazer a verificação de fatos em muitas páginas de material citado.

Trechos do texto nos Capítulos 1, 3 e 4 foram publicados pela primeira vez na revista *Aeon* em “Human Rites”, de Harvey Whitehouse (2012) — disponível em: <https://aeon.co/essays/rituals-define-us-in-fathoming-them-we-might-shape-ourselves> —, e uma parte do material no Capítulo 3 foi publicada pela primeira vez na revista *Pacific Standard* em “What Motivates

Extreme Self-sacrifice”, de Harvey Whitehouse (2016) — disponível em: <https://psmag.com/social-justice/what-motivates-extreme-self-sacrifice>.

Também sou imensamente grato a Rowan Borchers, meu editor na Penguin Random House, por me encorajar a escrever o livro em primeiro lugar e por esmiuçar o primeiro rascunho, que enviei mais de um ano depois, ajudando-me a ver como melhor reorganizá-lo e incorporando as opiniões de Rachel Field, da Harvard University Press. Apesar de ter que ser persuadido a fazer alguns cortes dolorosos em um manuscrito que cresceu descontroladamente, aprendi muito com o processo e desenvolvi uma profunda admiração pelos insights e pelas habilidades profissionais de Rowan e Rachel. Gostaria também de agradecer à equipe editorial mais ampla da PRH — incluindo a editora de texto Lindsay Davies — por todas as suas observações perspicazes.

Acima de tudo, gostaria de agradecer à minha esposa, Merridee, por ler e comentar rascunhos inteiros do livro, por fornecer apoio emocional inesgotável quando meu moral diminuiu e por tolerar pacientemente meus momentos de alienação quando parecia “desconectado do mundo” ou “absorto em pensamentos profundos”. Também sou grato a meu filho, Danny, minha nora, Sally, e minha mãe, Patricia, por suas muitas perguntas curiosas ao longo do processo de escrita. Dedico este livro a todos eles e à minha neta, Delilah, cujo futuro depende da rapidez com que conseguiremos curar nossa civilização enferma. O apoio da minha família ao longo do processo de escrita — incluindo minha maravilhosa família estendida na Austrália — significou mais do que consigo expressar em palavras. Um dos temas centrais deste livro é que, assim como os laços de parentesco foram fundamentais para a evolução da civilização humana, eles podem ser um dos nossos meios mais poderosos de salvá-la. Embora este trabalho menospreze o distanciamento entre as áreas acadêmicas, é escrito com o mais profundo respeito e amor pelos meus semelhantes. Todos descendemos de ancestrais comuns e, portanto, somos todos, em um sentido muito real, uma família.



Introdução: Uma História Não Natural da Humanidade



Como antropólogo, estou acostumado que as pessoas me olhem como se eu fosse esquisito ou estúpido, ou ambos.

Certo dia, eu estava em uma ilha tropical no Oceano Pacífico que viria a se tornar minha casa por dois anos. Era a primeira vez que realizava um trabalho de campo e acompanhava as pessoas que faziam oferendas aos seus ancestrais no templo do cemitério. Como estudante de doutorado na Universidade de Cambridge, na distante Inglaterra, minha intenção era uma imersão de dois anos em uma das culturas indígenas menos estudadas da Papua-Nova Guiné. Uma tribo, nas profundezas da floresta tropical, cuja língua nunca havia sido registrada por escrito, em uma vila que não tinha eletricidade nem água encanada, e da qual poucas pessoas de fora da região tinham ouvido falar. Diligentemente, me propus a participar do cotidiano do lugar, entrevistar as pessoas enquanto realizavam suas atividades e registrar tudo em cadernos.

O templo em si parecia uma casa qualquer da aldeia, feito de materiais coletados na floresta ao redor usando machados e facões, e com um telhado de palha; no entanto, ele cumpria uma função religiosa muito distinta. Como aluno ansioso e dedicado, senti-me obrigado a investigar a ideia de ofertar alimentos aos ancestrais, de todos os ângulos possíveis. *Será que os ancestrais poderiam atravessar objetos sólidos, como as paredes de bambu trançado do templo? Engoliriam fisicamente os alimentos ofertados? Ficariam felizes com as oferendas deixadas para eles?*

A cada pergunta, os rostos dos meus amigos exibiam um crescente espanto. Nos primeiros meses do trabalho de campo, as pessoas já esperavam minhas perguntas incessantes e ingênuas. De modo geral, eram muito solícitas, demonstrando uma paciência aparentemente infinita em esclarecer meus equívocos. No entanto, essa nova linha de investigação levou a situação a patamares absurdos. *Claro* que os ancestrais podiam atravessar paredes. *Claro* que não engoliam fisicamente a comida, isso seria ridículo. E é *claro* que ficavam felizes com as oferendas; que outro motivo teríamos para fazê-las?

Essa última resposta captou minha atenção mais do que as outras. “Aha!”, exclamei. “Então, os ancestrais pensam mesmo sem ter corpos?” Minhas fontes me encararam, perplexas. “*Claro* que os ancestrais têm mentes”, disseram. E talvez tenham sido educadas o suficiente para não dizer: “Acho que cometemos um erro ao convidar esse idiota para participar de nossos rituais mais sagrados”.

Durante minha formação em antropologia, fui incentivado a deixar de lado tudo o que eu pensava que sabia e abordar o processo de observação de campo com a mente mais aberta possível, sem preconceitos e suposições provenientes de minha própria experiência cultural (o pecado do “etnocentrismo”). Mas a verdade era que, mesmo enquanto fazia as perguntas sobre os ancestrais, sabia quais seriam as respostas. Por quê? Porque meus anfitriões tinham razão: essas *eram* as respostas óbvias. Na verdade, seriam óbvias para qualquer pessoa, em qualquer lugar. Podemos fazer a mesma pergunta sobre os mortos em praticamente qualquer sociedade humana no planeta e encontraríamos pessoas dispostas a dizer mais ou menos a mesma coisa. Todos estão familiarizados com a ideia de que os espíritos são incorpóreos e, ainda assim, têm mentes que lhes permitem expressar emoções, lembrar e entender o que estamos dizendo. Igualmente comum é a ideia de que nossas mentes e corpos são entes separados, e que nossos espíritos continuam vivos após a morte. Pense nos fantasmas em casas de campo inglesas. Ou nos espíritos em cultos de possessão afro-brasileiros. Ou nos ancestrais na China.

Tais ideias são universais porque estão enraizadas na natureza humana, e ressurgem a cada nova geração.¹ Essas crenças ocorrem naturalmente e estão

entre as características mais distintivas de nossa espécie. Quando analisamos os comportamentos observados em chimpanzés, bonobos e gorilas, nossos parentes primatas mais próximos, percebemos que eles não imaginam um mundo em que os espíritos dos mortos exigem ser alimentados, apaziguados ou suplicados por ajuda. E, ainda assim, nas sociedades humanas, tais ideias se alastram como incêndio. Embora as características específicas dessas crenças sejam expressas de maneiras infinitamente distintas em diferentes grupos culturais, seus componentes básicos surgem repetidamente ao longo de nossa história.

Em outras palavras, tudo o que transmitimos de geração em geração — nossas tradições culturais — assumiu formas incrivelmente diversas. Mas todas, em última instância, estão enraizadas em nossa psicologia evoluída. Essa combinação de tradições moldadas pela cultura e intuições evoluídas biologicamente constitui nossa herança coletiva como espécie, transmitida a nós por incontáveis gerações ancestrais. Este livro é sobre essa herança e os perigos de desperdiçá-la. E é um livro sobre como podemos investir essa herança de forma mais sábia no futuro.

A natureza humana e nossa história não natural

Os elementos mais básicos de nossa herança comum são três vieses naturais observados repetidamente em todas as sociedades humanas. O primeiro é a conformidade: o fato de copiarmos avidamente os outros, absorvendo os rituais e costumes dos grupos em que fomos criados, incluindo a preparação de oferendas de alimentos em determinados locais se isso for o que as pessoas ao nosso redor estiverem fazendo. O segundo é a religiosidade: nossa tendência natural para adquirir e disseminar ideias sobre deuses, espíritos e ancestrais. O terceiro é o tribalismo: nossa lealdade muitas vezes fervorosa a grupos, seja organizando banquetes suntuosos ou arriscando a vida e a integridade física no campo de batalha. Esses três vieses são cruciais para entender como e por que a história tomou os rumos que tomou.

Mas, embora eu argumente que essas crenças têm fundamentos naturais, este livro não é um trabalho de psicologia evolutiva reducionista, propondo que